



O papel da escrita no desenvolvimento da psicanálise*

Donald Meltzer

*O autor faz considerações e transcreve uma conferência proferida pelo Dr. Meltzer em 1994, na Clínica Tavistock em Londres. Essa conferência, quase uma conversa informal, ocorreu por ocasião da apresentação do livro *Sincerity and other papers: Collected papers of Donald Meltzer*, que havia sido editado pelo autor após inúmeras reuniões e discussões com o Dr. Meltzer. No texto, o Dr. Hahn discorre brevemente sobre o processo que culminou com a publicação do livro, seguido pelo Dr. Meltzer que responde a várias perguntas acerca do processo da escrita e sua relação com a psicanálise, bem como sobre o papel da escrita e da literatura em sua própria vida. Ele traz sua experiência clínica, a exemplifica e aborda diferentes tópicos entremeados com revelações pessoais, o que possibilita uma visão mais próxima de sua pessoa, que vai além do renomado analista, professor e escritor que foi.*

Descritores: psicanálise, escrita, literatura, sinceridade, sonhos, moda, crítica.

* Conferência proferida em 1994, na Clínica Tavistock em Londres, gentilmente cedida pelo Dr. Alberto Hahn.





Donald Meltzer

Apresentação do Diretor da Clínica Tavistock, Dr. Anton Obholzer

Estou muito contente que tanta gente tenha podido vir esta manhã para o que obviamente é um ato de celebração sob duas perspectivas. Primeiramente para dar as boas vindas ao Dr. Meltzer, que vai falar acerca do papel da escrita no desenvolvimento da psicanálise e também quero mencionar o privilégio da presença do Dr. Hahn, que editou este livro. Como me disse, tem lecionado aqui há vinte e cinco anos e penso que é a primeira vez que participa de uma apresentação deste tipo. Teremos a palestra, logo haverá a discussão e esperamos que sobre tempo para bebermos uma taça de vinho e comprarmos livros. Obrigado.

Dr. Hahn – Eu também quero agradecer a vocês por estarem conosco nesta dupla comemoração: o lançamento do livro, a palestra tão esperada e também a colaboração sempre confiável e fraterna de Anton Obholzer, neste período, vocês sabem, quando realmente se tem a convicção de que a função da análise é criar um problema para cada solução (risos). Fui a minha sessão um dia, muito entusiasmado, e pensei que estava no umbral de uma boa idéia: comprar uma TV preto e branco portátil, a primeira que eu teria e pensei que era uma idéia bastante boa. De todas as maneiras, meu analista daquela época, que tinha a reputação de ser um consumado analista, que trabalhava interpretando as mais profundas ansiedades, fazendo afirmações metapsicológicas, fez uma interpretação da qual não esqueço jamais (vocês notarão que se trata de uma interpretação de objeto parcial pré-genital): “Você precisa dessa TV tanto quanto de um buraco na cabeça”.

É claro que isto abriu a discussão acerca da diferença entre desejos e necessidades e decidi, pensando sobre o livro, que os desejos e necessidades não são realmente categorias úteis para pensá-lo. Cogitei, porém, que a psicanálise, os psicanalistas e os estudantes poderiam ficar empobrecidos se não dispusessem deste material, critério que em verdade prevaleceu para realizar este trabalho.

Gostaria de aproveitar a ocasião para agradecer ao Dr. Meltzer por seus escritos dos últimos quarenta anos e dos próximos quarenta anos. É claro, não preciso apresentar o seu trabalho aqui, neste contexto, porque vocês o conhecem muito bem. O que quero ressaltar é a sua produção criativa ao longo dos anos, enorme tanto em qualidade como em quantidade, o que faz com que não haja ninguém em melhor posição do que ele para nos falar de *O papel da escrita no desenvolvimento da psicanálise*.

Dr. Meltzer – Obrigado, Alberto, agora vamos começar a falar a verdade.





A verdade acerca deste livro é que sempre me faz lembrar um desenho que vi num livro de fábulas quando era criança. Mostrava um menino fugindo com um porco nas costas. O Alberto fugiu com esses papéis como esse menino e, para meu embaraço, produziu este respeitável livro. O único que interessa nele é o longo trabalho sobre sinceridade, que nunca tinha sido publicado e que estava incompleto. Seu único valor é o trabalho inspirado em Harold Pinter, por quem mantenho uma grande admiração, embora pense que sua criatividade atualmente tem se desvanecido. Na minha opinião o problema de escrever é este da sinceridade, dizer a verdade e assumir as conseqüências.

A minha própria educação literária foi bastante descuidada porque estudei ciências e segui um curso pré-médico na Universidade. Ia a palestras, conferências, prestava exames e, com muito gosto, ouvia falar sobre literatura. Mas nunca tinha tempo para ler, até que Mattie Harris se converteu na minha primeira professora de literatura inglesa – foi delicioso – e Catherine Macksmith na minha segunda instrutora em literatura. Li um monte e tentei aprender a escrever, mas é muito difícil. Quero dizer que lia gente como Dostoiévski e ficava espantado e surpreso como quando escuto alguém executar um instrumento musical com grande virtuosismo. Acho milagroso alguém ser capaz de utilizar as palavras de tal forma que os personagens ganhem vida. Refiro-me a algo assim como a um primeiro ato duma obra de Tchekov em que os personagens dizem umas poucas palavras e imediatamente a gente sabe quem são, o que são e o que esperamos deles e que tipo de surpresas nos reservam. É realmente quase milagroso.

Bom, decidi que, para se aprender a escrever, devia-se praticar e comeci a fazê-lo. Escrevi muito e a cada momento me sentia suficientemente satisfeito o bastante para publicar. Então descobri que ou ninguém lê as revistas de psicanálise, ou são jogadas fora e que só os livros têm vida própria. A minha primeira experiência de escrever um livro foi esse *Processo Psicanalítico*, que emergiu fora de mim, sob a influência do terror, quando estive em Buenos Aires, em 1963 ou algo assim e me pediram para dar uma série de conferências sobre psicanálise. Graças a Deus alguém gravou as fitas, que me foram enviadas, esse livro tendo nascido para a vida nas garras do terror. O medo ao palco sempre foi um grande problema meu, embora vocês nunca o adivinhassem. Agora esse medo toma a forma de simplesmente fechar os olhos, quando devo falar ante uma audiência, mas vocês são pessoas que conheço e posso me animar a olhá-los. Contudo, geralmente quando falo, tenho que olhar para o chão, minha voz não é audível e o auditório reclama.

Neste extenso artigo sobre a obra de Harold Pinter, suas primeiras obras me surpreenderam por motivos literários. Suas personagens adquirem vida de uma





Donald Meltzer

forma espantosamente arrepiante. E, é claro, como sempre acontece quando lemos uma obra e a vemos representada, pensamos que, se tivéssemos sido o diretor, lhe teríamos mostrado como fazê-lo de maneira apropriada. É claro que Pinter foi ele mesmo o diretor e, portanto, este não é um sentimento que possa realizar-se. Porém o impacto em mim foi muito significativo. O que mais admirei foi seu contato com o inconsciente, de tal modo que sua obra pode ser analisada desde o ponto de vista psicanalítico linha por linha. Senti-me perplexo por este fato: não só eram como sonhos, mas eram realmente sonhos.

Recentemente li uma versão de *The Dwarfs*¹, escrita uns anos depois, ampliada, e me senti muito decepcionado porque o pobre Pinter não parece entender nada (risos). De todo modo é alguém que perdeu completamente o fio deste milagroso processo reparatório que ocorre durante o sonho, quando a gente está doente, etc. Ele só se agarrou ao tema da duplicidade social, que certamente forma parte da obra, mas é um tema tangencial. Do ponto de vista intelectual, o interesse pelo tema da sinceridade remonta há anos atrás na minha vida. Chocou-me cada vez que li em Wittgenstein a diferença entre dizê-lo e significá-lo. Parece surpreendente ter vivido toda uma vida com o desconhecimento desta dificuldade, mas assim foi. E ainda agora é grande o desconcerto sobre como se produz o significado e como se manifesta no processo de comunicação. Desconcertante, mas já não misterioso, desde que compreendi mais a diferença entre comunicação e ação. Nas relações face à face ou telefone a telefone, o impulso de agir em lugar de se comunicar parece irrefreável. É certamente uma das virtudes do divã que o paciente não esteja olhando o analista. Isso reduz seu agir impostado porque não tem esse aparente *feedback* como na situação face à face.

Esta diferença entre comunicação e ação parece ser o centro da questão do significado, entendendo que significado quer dizer ter o desejo de ser compreendido, que a mensagem seja recebida. Não tenho certeza que inclua o desejo de ser corretamente compreendido, porque muito da comunicação sincera envolve engano. O que é um pouco desconcertante porque a gente se pergunta por que, sob o título de comunicação em lugar de ação, se inclui o engano. Parece ser parte do problema de estabelecermos nossa privacidade onde se realiza um processo que, em si próprio, é sincero, mas cuja função é realmente esconder o que é interior e mais pessoal. Suponho que nosso falar é como o nosso vestir, ditado pela moda. O desejo de estar na moda me parece um desejo perfeitamente sincero, mas sua função é certamente esconder a nudez que fica reservada para as relações mais

1. Harold Pinter é consagrado diretor de teatro e cinema, escritor, roteirista, poeta e ativista político. Escreveu, entre outros, *The Dwarfs* (1963).





íntimas. Essa espécie de engano, todavia, destinado ao serviço da diferenciação, das distâncias sociais, essa linha demarcatória e o problema de como é criada e mantida parecem ir além das palavras e do uso das palavras. Um exemplo evidente seria a música da voz, que é um dos instrumentos mais óbvios da declaração.

Mas aparte estes elementos de contato, o limite entre o contrato social e a conversa com o travesseiro, duas cabeças falando juntas em forma íntima, com os corpos em contato, essa diferença que, em essência, parece tão grosseira, realmente se manifesta muito sutilmente. Um dos motivos para isto é que está na moda “simular” intimidade. Quando assistimos na TV ao Sr. Berlusconi cumprimentando seus camaradas num grande *meeting* aparentando estarem todos apaixonados entre si, isso nos surpreende. E esta linha entre o íntimo e o sincero, o público e o que está na moda é apagada pela mesma moda que declara que a gente deve parecer próximo e íntimo. Você deve olhar no olho das pessoas quando está falando, deve sorrir quando você é um mau caráter, etc.

A oposição² à moda que se manifesta com freqüência como excentricidade pode ser uma estrondosa pseudo-oposição. A não aceitação³ genuína é calma e interna e, virtualmente, socialmente invisível. É provavelmente certo que toda coisa verdadeiramente revolucionária é tranqüila e invisível e faz seu próprio caminho sem olhar para o futuro, tem a sua mente no presente e atua conseqüentemente. Acho que este é o cerne da comunicação sincera. É a intenção de criar uma revolução em si próprio e em outras pessoas.

É o que acho que Bion quer dizer com a mudança catastrófica e o que eu com certeza quero dizer com desenvolvimento. O desenvolvimento não é como um plano inclinado ou uma rampa, é como uma escada com platô, subidas e descansos. E cada subida envolve esta mudança catastrófica, algo revolucionário, algo que, por um momento, põe tudo em perigo. Nesse momento, quando estamos levantando uma perna para o próximo degrau e nos equilibrando no outro, corremos o risco de cair e quebrar o pescoço. Esta é a forma como sente um menino, é claro, de modo que ele vai subir naturalmente os degraus engatinhando, mas deverá segurar-se em alguém para descer, porque descer é mais perigoso, já que dá para ver a altura da qual pode cair. Este tipo de imaginário das escadas é repetitivo nos sonhos dos pacientes e faz referência tanto a subir como a descer, por exemplo, de cavalos altos, ou à queda da grandiosidade (soberba). É de novo uma modalidade da moda de pisar que se repete nos sonhos, mas é verdade.

2. N.R.: No original *resistencia* (espanhol) – no sentido de uma oposição.

3. N.R.: No original *resistencia* (espanhol) – porém no sentido de simplesmente não seguir, não ter adesão à pressão social como a moda.



O problema da sinceridade, a meu ver, é um problema do desejo de sinceridade. O fato de dar as boas-vindas à mudança catastrófica faz com que as pessoas sejam menos temerosas da moda. O estranho acerca da moda é que a pessoa que é intimidada pela moda está mais intimidada pelos olhos e rostos daqueles que não conhece do que pelos olhos e rostos dos que conhece. Então, por temor, os sentimentos e o bem-estar das pessoas mais queridas são sacrificados à multiplicação do desconhecido que sempre aparece nos sonhos como uma turba⁴. Claro que é a qualidade da turba que nos intimida. Acho que não tem relação com a quantidade. A Sra. Klein, com essa maravilhosa qualidade de pôr o dedo no ponto exato, descreveu o objeto ausente como o objeto persecutório. É este objeto ausente que se apresenta como o objeto persecutório presente que lhe dá essa qualidade de fantasma tão intimidador e que provoca nas pessoas a virtualmente universal duplicidade na conversa humana.

Penso que é virtualmente universal que o que você diz a outra pessoa na cara e o que você diz pelas costas não é precisamente a mesma coisa, por mais honesto que tente ser. Poderia dizer que não é terrivelmente importante se você é mais ou menos sincero com as pessoas com as quais tem relações contratuais. Não importa se você é um homem de negócios e comete uma fraude, porque todo mundo o faz. Você fala e todo mundo concorda e a estatística arrasa com o significado. Seguramente é uma das dificuldades desta vida dupla, quando se leva uma vida fora e dentro da intimidade. Mas dentro das fronteiras da intimidade, a possibilidade da comunicação sincera é, por sorte, assistida pelo que Wittgenstein chamou “o que não pode ser dito, mas só pode ser mostrado”. O que nós desejamos mostrar às pessoas com as quais temos intimidade é similar a tirar a roupa diante delas e não ter que estar na moda. Bom, isto é mais ou menos tudo o que tenho pensado em relação a este tema. Penso que vai um pouco além do que escrevi em *On Sincerity*, há mais de 20 anos. De modo que tenho progredido um pouco, obrigado.

Dr. Hahn – Abrindo este encontro para discussão, gostaria de começar com algumas perguntas, eu mesmo com um par delas.

Dr. Meltzer – Será bem-vinda alguma do tipo *pode dizer um pouco mais acerca de...*, em lugar de *não acha o senhor que...* (risos). Continua, Alberto.

4. N.R.: No original “*mob*” (palavra inglesa com significado de turba, multidão enfurecida.)



Dr. Hahn – Estão quase livres para perguntar (risos). Eu me perguntei se você pensou se há uma particular sinceridade própria da escrita, diferente da comunicação oral.

Dr. Meltzer – Bom, é claro que sim, já que digo que a escrita é tão milagrosa como esses jogos de palavras que cobram vida. Na comunicação face à face ou mesmo ao telefone, atuamos bastante, quando comunicamos mostrando que comunicamos tudo o que significamos, se é que o significamos, ou mostramos o que não significamos, se é que não o significamos. É muito mais fácil.

Eu acho a escrita muito difícil; em última instância decidi que a única forma como eu podia escrever seria similar a quando falava, porque creio que posso falar bastante bem, embora não possa escrever tão bem. O que acontece, quando você trata de escrever, é que algo acontece, mas posso fechar os olhos quando estou frente a uma platéia. Já quando isto está dentro da sua cabeça, você não pode fechar os olhos, assim que, se não é sussurrar um ao outro, sentar-se ali com as sobrancelhas arqueadas é terrivelmente intimidador. Acho a situação interna de tentar escrever algo terrivelmente intimidador, por causa desta audiência interna. Espero que isto responda a sua pergunta.

Dr. Hahn – Mas quando esta audiência se transforma numa turba?

Dr. Meltzer – Creio que sempre tem a natureza de uma turba porque penso que o objeto ausente é o objeto presente persecutório. É gente que você não conhece porque a que conhece nunca está nessa turba. As pessoas que eu conheço estão sempre me animando; embora sejam críticos, são igualmente alentadores. É a diferença entre ser criticado e ser esmagado. Uma paciente minha sonhou que a mãe tinha coberto o jardim da frente com tijolos, e ela era sempre assim, apenas começava a aflorar alguma coisa, a cobria com tijolos.

Pergunta – *Muito obrigado Dr. Meltzer pela conversa fascinante. Mas por que não fala algo mais acerca dos mediadores? Dois pensamentos me vêm à cabeça: ao se falar ao telefone, não se pode ver o outro, mas há algo ali, acho que o objeto interno que o senhor mencionou. Ou o que diz pode, em parte, ser mediado por um objeto interno. Na verdade só está falando com outra pessoa do outro lado da linha ou algo assim, mas também na escrita é assim? O que é? É mediação entre o senhor e o leitor? Pode dizer algo mais acerca de mediadores?*

Dr. Meltzer – Eu não falei nada a respeito de mediadores, assim não posso





Donald Meltzer

dizer mais. De qualquer forma é um pensamento interessante. Acho que há sempre, ou haveria sempre, mediadores ou um meio mediador de algum tipo que transporta a mensagem. Dos cinco sentidos com que realizamos nossas relações sociais, os olhos e os ouvidos parecem ser os mais ativos. Mas não é verdade, tenho certeza que os olhos tocam e os ouvidos cheiram. Tenho certeza de que os cinco sentidos estão sempre ativos em conjunto e suponho que uma coisa que nos surpreende das crianças autistas é a maneira como mantêm os sentidos separados para o contato com diferentes objetos. O que cheiram não foi degustado, o que foi degustado não foi visto e assim por diante.

De modo que o tema da mediação através de instrumentos artificiais como o telefone parece-me que é como uma câmera de fotografia artesanal de furo de agulha⁵ e é surpreendente que tanta coisa possa passar através dela. Mas como sabemos da existência da câmera, é verdade que tudo passa através, seu reverso (seu negativo) aparecendo do outro lado. Creio que isto é verdade para algo como o telefone: os cinco sentidos passam, através desta câmera de furo de agulha, através da audição e aparece na mente o que Harry Stack Sullivan denomina “consensual”. O que Bion chama, no seu estilo algo brincalhão, “senso comum”.

Não penso que a questão da mediação é em si própria importante, exceto na medida em que se presta também a distorções, já que tem função de *scanner*⁶, aparato fraudulento que produz imagens semipornográficas, previamente estéticas. Isto, parece-me, remete ao tema do objeto ausente como objeto persecutório presente. E esses rostos desconhecidos na platéia, o que estão fazendo? Algo que se pode ver com alguns pacientes é que estão parafraseando, não estão ouvindo, mas parafraseando. Quando lêem novamente para vocês, vocês não lembram terem dito isso; ademais, não soa como nada que você quis dizer.

Uma paciente minha, com quem estou trabalhando coisas tais como falta de memória e sua capacidade para falsear a memória, teve um sonho maravilhoso em que estava lavando os lençóis da sua cama e havia um homem que a ajudava. Ela tinha que estender a roupa lavada num Tender⁷: eles o baixaram, colocaram o lençol, ela o levantou novamente e o homem foi embora. No mesmo instante, o lençol caiu no chão e ela sentiu que não podia chamar novamente o homem para ajudá-la, ela tinha que fazê-lo sozinha. Tinha dois métodos para fazê-lo: um era levar tudo para fora, porque fora ela se sentia forte e em forma e podia facilmente subir e baixar este aparelho; dentro ela se sentia mais débil e incapaz, não podia realizar a tarefa sozinha. Mas pensou que, embora não pudesse subir e baixar o

5. N.R.: No original, “*es como una cámara en el ojo de una aguja*”.

6. N.R.: *función de rastelo*, no original, como um ancinho.

7. N.T.: Aparelho para estender roupa, tipo varal.





aparelho, podia subir num banquinho (stool = banquinho ou fezes).

A paciente é uma compulsiva, extrai compulsivamente idéias do seu reto. E estes dois aspectos, fora se sentindo em forma e forte e dentro sobre seu “banquinho”, são realmente suas duas formas de se ligar comigo na análise. Uma consiste em argumentar, e ela é muito hábil nessa área, pois na universidade praticava esgrima, que denominava “o jogo com o florete”. Por dentro é obstinada, estúpida, incompreensível, desvitalizada, suicida. Assim o tema deste sonho, que ela não mencionou na sua descrição, mas sem deixá-lo totalmente de fora, foi o seguinte: quando o lençol caiu, ela notou que havia um fio preto tramado no tecido do lençol. Mas quando ela estendeu o lençol pela segunda vez, esse fio tinha desaparecido, tinha perdido o fio. O que tinha estendido era de alguma maneira uma paráfrase: o fio original da discussão tinha-se perdido. Ela é, na minha opinião, no seu segundo ano de análise, ainda incapaz de sinceridade.

Este sonho é um retrato da sua sinceridade e do que ocorre quando se parafraseia. O parafrasear durante o qual se perde o fio é o seu substituto da memória. Não é memória, não é lembrança, como dizer? É uma reconstrução confabulatória. Como a memória é uma reconstrução honesta, esta é uma reconstrução confabulatória, cujo objeto é a argumentação, o que estabelece um problema muito interessante: a natureza da sinceridade e a natureza da comunicação. Possivelmente isto não se refere diretamente à pergunta que você formulou acerca da mediação, porque acho que a questão da mediação não é muito relevante, exceto por essa qualidade de *furo de agulha*, exceto na medida em que o mediador, por ser um instrumento do nosso meio ambiente, facilita a interferência de elementos destrutivos, o que aconteceu quando o homem foi embora neste sonho: ela teve a liberdade de usar seus próprios meios, de estar fora forte e em forma, ou dentro sobre o banquinho. Espero que isto responda a sua pergunta... (risos)

Pergunta – *É interessante ouvir os escritores falarem sobre o processo de escrever. Um filósofo americano que escreveu muitos livros dizia que, quando estava escrevendo um, o único modo como podia fazê-lo – ele era conhecido por ter muitas relações – era ter em mente uma mulher em particular com quem sentia que tinha muita intimidade e então escrevia o livro para ela. Quando terminava, dizia que não suportava lê-lo outra vez. Eu me pergunto, então, se aconteceria a mesma coisa com a mulher que tinha em mente. Isso parece enquadrar-se bastante na idéia de turba, mas ignoro se tem a ver com sua experiência.*

Dr. Meltzer – Como você sabe, em tantos livros, particularmente em livros acadêmicos, este assunto da dedicação, palavra que provavelmente significa alia-





Donald Meltzer

do, com certeza reflete algo do que você mencionou acerca de o livro ser escrito para alguém que se sinta como muitíssimo amistoso, embora não necessariamente não crítico, e que isto serve como um tipo de barricada contra o auditório de perseguidores anônimos. Creio que você tem razão e por isso me faz duvidar se estou nessa categoria (risos).

Pergunta – *Poderia dizer algo mais sobre a relação entre os sonhos e a sinceridade e entre os sonhos e a escrita?*

Dr. Meltzer – Como sabem, eu sempre suponho que os sonhos nos dizem a verdade. Nos dizem a verdade mesmo sobre o quanto somos mentirosos, por exemplo. Parece paradoxal, mas não é, porque o sonho declara de alguma maneira o que é não só inteligível, mas também demonstrável. Penso que, na vida diurna, não só lembramos pouco de nossos sonhos como também poucas vezes contamos esses sonhos para outra pessoa. De alguma maneira é como se os sonhos fossem demasiado íntimos para conversas sociais.

É claro que você, como analista, nunca sabe se o paciente falou a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade. Porque cada vez que o sonho é comentado, acho que ele é polido ou para completá-lo ou para censurá-lo de alguma maneira. Assim, o sonhar e o dizer a verdade na comunicação do sonho, que é uma forma de comunicação social que pode ser íntima ou não, não são exatamente a mesma coisa. Com os nossos pacientes, podemos contar que não são suficientemente capazes de ver os significados inconscientes do sonho para realizarem uma censura satisfatória. Claro que isto não é verdade naqueles sonhos muito exagerados (*flamboyants*).

Com frequência o erotismo é somente sugerido ou categorizado e raramente descrito. Mas, como analistas, nem sempre precisamos de uma descrição detalhada da situação erótica. Podemos usar a nossa imaginação. Contudo ainda assim é uma falha da comunicação na qual dizer a verdade e ser sincero é cercado, evitado (*hedged*) e certamente pode levar a mal-entendidos e a cairmos em armadilhas⁸ por esses mal-entendidos. Vocês sabem que os sonhos podem ser a via régia para o inconsciente, mas esse caminho não deixa de ter seus desvios colaterais e seus poços.

Pergunta – *Dr. Meltzer, pensando neste grupo hostil que levanta barricadas na mente, estive me perguntando se o senhor fez alguma conexão com o tra-*

8. N.R.: No original - *quedar entrampado*.





balho de Pierre Turquet, particularmente em Passos até a identidade no grande grupo, no qual ele parece ter escrito sobre estes fatos no mundo exterior, mas que claramente se relacionam também com o mundo interno.

Dr. Meltzer – Como vocês sabem, tenho evitado as terapias grupais... e as conferências grupais também.... (risos) Francamente, por covardia, para mim seria impossível a *Conferência de Leicester*. Tenho certeza que temeria muito fazer papel do bobo. Por isso penso que prefiro manter este grupo dentro da minha cabeça onde é um pouco mais manejável (risos). Você diz que é uma barricada, mas dentro da minha mente não é, é ouvir com tranqüilidade, é pensar comigo mesmo e fazer coisas inaudíveis como levantar as sobrancelhas e murmurar para o vizinho. Mas não é uma barricada.

Eu tenho conseguido continuar escrevendo e falando, mas nem sempre foi assim. Quando tive que fazer meu discurso de graduação, preparei-o cuidadosamente e tinha me proposto falar de cor, mas, chegado o momento, minha mente ficou em branco. Nesse momento escutei meu pai rindo na platéia sua linda e amistosa risada e eu me disse que ele deveria estar pensando que ele próprio sequer teria conseguido ficar em pé e tentado fazer o discurso. Aí voltou minha memória, olhei minhas anotações e pude continuar. Vejam até que ponto podia emudecer e me sentir impotente e confuso devido a uma situação grupal.

Quando jovem me custou muito tempo para poder falar na aula, até que interiorizei isso. E aprender a escrever foi algo muito difícil, porque pensava nas críticas e, no final,.... não havia críticas (risos). Lembro Brigitte criticando algo que escrevi com Adrian Stokes e como isso me afetou. Ela fez referência a minha escrita como uma mistura de jargão e balbúcio infantil (risos) e foi tão precisa que tocou no próprio calcanhar de Aquiles. Nunca a conheci, mas deveria agradecer-lhe (risos).

Pergunta – *Eu me perguntava se o senhor poderia nos dizer algo mais a respeito do retorno do pai amistoso, porque falou muito da volta do objeto ausente como objeto persecutório presente. Poderia dizer algo mais acerca do retorno do objeto ausente como um objeto presente desejado e se isso é parte do que fazemos quando escrevemos, acudimos ao princípio de realidade?*

Dr. Meltzer – Minha compreensão acerca da maravilhosa fórmula de Bion é que não é o mesmo objeto. E não é semelhante ao regresso do reprimido, nem a qualquer coisa do gênero. É realmente o fantasma, o fantasma de um objeto morto, na sua essência persecutório. Meu pai rindo na platéia era parte do fato de que





Donald Meltzer

ele nunca estava ausente. Mesmo quando permanecia muito tempo fora, não estava ausente. Eu não tive que lutar contra objetos ausentes na minha infância, embora tenha participado, como os garotos americanos, de acampamentos durante o verão. Nunca tive saudades de casa (*homesick*).

Pergunta – *Posso acrescentar algo mais. Eu ignoro se seu pai faleceu, contudo sei que não está aqui. Mas o senhor o trouxe de volta como uma figura amistosa e seu paciente fez o mesmo com seu sonho. Quando falou da segunda parte do sonho, a figura masculina estava ausente, mas na sua ausência ela tinha o senhor para ajudá-la.*

Dr. Meltzer – Bom, essa é a minha idéia acerca da transferência: você compartilha seus objetos internos com os pacientes e, no meu caso, para muitos dos meus pacientes, a Sra. Klein é uma vívida figura de avó, em muitos aspectos mais importante do que eu. E creio que a decisão de compartilhar os nossos objetos internos, como acontece com os irmãos, é uma parte muito importante da habilidade para lidar com a transferência. Assim, a transferência, na minha opinião, oscila um pouco entre todos os irmãos e as figuras parentais, com os avós como pano de fundo.

Eu vejo a cultura italiana particularmente com simpatia, porque essas três gerações tão características estão incluídas no lar. Quando vejo que meu vizinho construiu um belo apartamento no sótão da sua casa para sua avó, penso que isso realmente é algo lindo. Na verdade nunca conheci meus avós, mas meus pais eram relativamente velhos, eu os imagino sempre como se tivessem cinquenta anos. Os pais nunca são jovens, entendo que há certa afinidade entre pais e avós, mas creio que esses objetos internos, tais como eu os tenho experimentado e compartilhado com meus pacientes, têm uma forte qualidade de *abuelidad*⁹. E a Sra. Klein mais do que Freud e mais do que Bion na realidade.

Catherine – *Acha o senhor que a escrita tem sido uma boa coisa na sua vida?*

Dr. Meltzer – Não, não, tem sido algo muito ruim (risos), tem me roubado as férias de verão, tem me rendido pouco dinheiro ou nada e me trouxe inimigos que são melhores inimigos do que meus amigos são bons amigos. Penso que meus

9. N.R.: Mantivemos o termo *abuelidad* em espanhol por não haver em português uma palavra que designe esta qualidade de ser avô (*abuelo*) a que o Dr. Meltzer se refere.





bons amigos saem do meu consultório ou das minhas supervisões e não da minha escrita. É minha impressão, pode ser errada, mas é o que sinto.

Pergunta – *inaudível*.

Dr. Meltzer – Me saber incapaz de escrever bem é o que tem me tornado humilde. Tanto como ter sido incapaz de aprender a tocar um instrumento. Escrever e cantar devem estar muito unidos na minha mente, já que sou incapaz, sequer, de cantar uma canção de ninar.

Dr. Hahn – Seria justo dizer, então, que, mais do que ao papel da escrita no desenvolvimento da psicanálise, você tem se referido ao papel do desenvolvimento da psicanálise na escrita. Estou pensando na maioria de nós que não podemos escrever, ou que experimentamos dificuldade diante de uma página em branco; estou pensando no assunto da turba e de subir e descer escadas. Poderia enfatizar muito mais a relação entre o desenvolvimento da psicanálise e os objetos internos, a capacidade para as relações íntimas, etc., como criando as condições para aprender um instrumento, para a sinceridade e para expressões dessa sinceridade, seja ela escrita, ou falada, ou outra forma qualquer.

Dr. Meltzer – Bom, por exemplo, se não fosse pela psicanálise, eu nunca teria em absoluto podido escrever. Só escrevo acerca da psicanálise, como se fosse algo mais aproximado à tradução de algum autor estrangeiro do que a uma escrita criativa, já que depende do material que o paciente aporta, sempre que ao paciente não lhe incomode que atribuamos nosso escrever a um esforço em conjunto.

Tomemos este sonho da paciente que estende a roupa lavada. Contar um sonho como esse implica uma exposição tão grande, que eu nunca poderia escrever uma história puramente imaginada, um poema, sem me sentir paralisado pela consciência de mim mesmo. Se pudéssemos tocar a psicanálise como se toca um instrumento musical, eu poderia aprender a fazê-lo, mas isso não parece possível.

De modo que a psicanálise tem sido boa para mim porque vem me permitindo exercitar minha imaginação de um modo que a poesia, a literatura, a pintura, ou a escultura não permitiriam. Quando jovem, tentei seriamente ser escultor e foi uma sorte que não o tenha conseguido porque teria sido tão só um imitador da escultura dos outros. Mas a psicanálise com a originalidade do paciente e minha penetração permitem revelações que podem ser, realmente, bastante apaixonantes por momentos. Creio que, quando falo ou escrevo acerca de material clínico, sou





Donald Meltzer

suficientemente bom. Se eu for teórico, ou histórico ou filosófico, serei ruim, a linguagem se torna pomposa e pouco evocativa. Tenho que me aferrar ao material clínico para dar um pouco de vida a minha escrita.

Pergunta – *Dr. Meltzer, eu realmente acredito que o senhor, sim, esculpe a mente, portanto seu desejo de ser escultor se cumpriu. Mas a minha pergunta é a respeito de Harold Pinter, que nos diga algo acerca de como perdemos o caminho, como um dramaturgo tão maravilhoso termina com algo como Moonlight (1993), que não tem nada do peso das suas obras anteriores. Isso tem algo a ver com a morte do espírito criativo?*

Dr. Meltzer – Penso que um casamento feliz provavelmente poderia ser a morte de muita poesia (risos).

Pergunta – *E a moda também pode ser deletéria?*

Dr. Meltzer – Penso que a felicidade é um estado muito perigoso. Recebi uma carta esta manhã do meu filho. Ele mora em Oklahoma e tinha se reabilitado maravilhosamente nos últimos cinco anos, o que conseguiu graças a permanecer longe das mulheres. Agora tem a sua primeira mulher e me manda uma carta muito lírica acerca dela, cheia de felicidade, cheia de humildade, não pode imaginar o que ela vê nele e acredita que provavelmente não durará muito, etc, etc. Entretanto ele a leva para jantar, ao cinema. Nos últimos cinco anos ele tem lido mais, estudado mais, pensado mais do que em toda a sua vida e penso que isto que ocorre agora é o final do seu desenvolvimento. É possível que se assente num *platô*, que se acomode, espero que num tipo de felicidade, de satisfação. Penso que Pinter é vítima de sua fama e de um casamento mais feliz que lhe aparou as arestas. De forma que eu, hoje, o julgo absolutamente pouco interessante, ou fui eu que fiquei fora da onda.

Pergunta – *Quero perguntar-lhe acerca da relação entre quadrinhos e sonhos, sempre pensei que há uma similitude. Falo dos quadrinhos, das tiras cômicas realmente sérias, como as do famoso desenhista David Lowe, que consegue um grande impacto e fala a verdade. Também, relacionado com isto, me perguntava sobre a tradução. Algumas vezes tenho tratado com pessoas através de um intérprete e li, num artigo muito elegante, que o tradutor pode distorcer o que passa através dele. Se o analista não gosta do que o paciente está dizendo ou sente vergonha, pode modificar o conteúdo. Mas a tradução – e eu me pergunto*





se isso entra no caminho real – nunca é uma tradução literal. Se você lê um poema, o tradutor tem que escrever algo inteiramente novo. Acerca de Pinter, lembro-me que o primeiro trabalho dele foi retirado de cartaz até aparecer a crítica de Harold Hobson que considerou a obra maravilhosa. Depois todos quiseram vê-la e foi um sucesso. O que pensa sobre a crítica?

Dr. Meltzer – Ok. Você faz uma pergunta ligada à anterior, acerca da mediação. Estes mediadores, o desenhista, o tradutor, minha paciente tendo que estender sua roupa lavada que funciona como um mediador sem a ajuda do homem. Ela o fazia de uma entre duas formas. Eu acho que, para ser um tradutor fiel, se necessita uma devoção tão grande e tão próxima à escravidão que é muito difícil de se encontrar. Sempre me surpreendeu que alguém possa saber mais de um idioma. Quando penso todas estas coisas no idioma que uso, é inimaginável para mim o domínio de outra língua.

No referente a como fazem os tradutores, suponho que há pessoas que tiveram uma educação bilíngüe, com a outra língua realmente no seu sangue. Desse modo, não traduzem, ouvem a outra língua. Os que criam tiras cômicas e os caricaturistas fazem algo diferente. Embora os caricaturistas se comuniquem através do exagero, isto é, façam com que tudo apareça feio, com que selecionem os traços do rosto, do comportamento e da linguagem. Isso requer uma maravilhosa precisão para focalizar as peculiaridades de alguém da forma que se quer, ridicularizando-o ou tornando-o maravilhoso.

Claro que o publicitário que nos vende um carro com uma linda mulher inclinada sobre ele é também um caricaturista que tenta fazer com que algo pareça maravilhoso. Penso que a propaganda de carros é cada vez mais obscena nas suas implicações, mas tudo entra na área da caricatura, que consiste em concentrar-se em traços isolados tirando-os do contexto e aumentando-os em importância. Eu diria que isso está no sonho da minha paciente, seja no seu jogo de esgrima com o florete ou no seu banquinho alto. Ali ela é uma caricatura. Na minha opinião, penso que, de fato, não é uma profissão honrosa.

Pergunta – *O que acontece com os jargões, que podem ser familiares, triviais, dentro de uma sociedade fechada como a psicanalítica, e que excluem quem está fora do nosso círculo?*

Dr. Meltzer – Sim, creio que é verdade que se trata de um isolamento hostil, pouco amistoso. Mas desde a pré-história havia um isolamento geográfico iniludível que produziu as diferentes línguas. Os continentes, uma vez que as





Donald Meltzer

geleiras se derreteram, ficaram completamente isolados. Mas estou de acordo que a multiplicidade de línguas é uma expressão de hostilidade. É um exagero dessa barreira, da qual já falei quando me referi a respeito da intimidade versus linguagem contratual. Não há nada que produza mais *ilusão* de intimidade do que falar a mesma língua.

Pergunta – *Inaudível.*

Dr. Meltzer – ...no século XVIII as pessoas editavam uns poucos números para seus amigos e somente o faziam se precisavam do dinheiro, que poucas vezes recebiam e que lhes bastava. Na verdade creio que as pessoas escrevem para seus amigos e que não podem evitar que o resto da platéia escute. Suponho que a primeira mensagem de qualquer ator em cena é que o público permaneça sentado e não suba no palco. Quando comecei a escrever, me alarmava muito que as pessoas subissem no palco. Me refiro aos críticos (risos). Porém decidi que era uma ansiedade desnecessária. Mas eu realmente creio que os críticos sobem no palco e batem nos atores e sua profissão não é muito honrada. Necessitamos mais comunicação e menos ação. Mas, para consegui-lo realmente, temos que mudar nossos valores. É surpreendente como ainda somos tão militares – autoritários – em nossos valores.

Pergunta – *A gente às vezes pensa coisas que não sabe que está pensando. Quando o escritor escreve, lhe surgem pensamentos inesperados. Esses pensamentos e sua formulação, não acha que têm o valor de uma elaboração (working through)? Alguma conotação de alívio?*

Dr. Meltzer – Eu não sei se de alívio, mas entram na categoria de um trabalho em que enfrentar a morte ajuda a esclarecer a mente e que cada vez que você vai fazer algo que realmente teme profundamente, isso é bom para você. Não estou falando de se jogar da sacada. Quando escrevemos ou estamos diante de uma platéia estrangeira, é profundamente bom. Não penso tanto em elaboração, mas em escapar dos labirintos graças a Ariadne. Esse fio no sonho da minha paciente... é terrível falar em público e não ter um fio em que se agarrar. Porque, quando se tem o fio preso, a gente o puxa e ele vem. Mas se o perdemos, é absolutamente aterrorizante, como me aconteceu no discurso de graduação. Eu nunca tenho certeza do *working through*. Particularmente porque creio que a gente nunca está *through*¹⁰.

10. N.R.: No original *through*, no sentido de terminado ou pronto.





Pergunta – *Quero perguntar-lhe sobre um ponto mencionado anteriormente: a resistência. Uma resistência sincera invisível, pelo menos para o público, o que a faz de alguma maneira invisível?*

Dr. Meltzer – Suponho que as melhores revoluções são tramadas em pequenos cômodos por grupos muito pequenos e que nunca chegam à ação. Só constroem esperanças e seu o estabelecimento e reforço num grupo muito pequeno. Quando essa esperança, que é essencialmente uma esperança de liberdade, se torna tão aflitiva, isso dificulta sua adaptação às modas estúpidas do momento, e nos tornamos excêntricos, de modo que nunca conduz a nenhum tipo de desenvolvimento. O grande perigo é que a excentricidade vai se tornar parte de vocês, que estarão novamente na moda. Penso que é muito importante adaptar-se às formas do mundo contratual de uma maneira razoável, mas sem se vender a alma.

Pergunta – *Quem define a sinceridade? É algo subjetivo? Como é sentida pela paciente? Sente-se sincera ou não? A sinceridade é entravada (handicaped) pelo mundo interno?*

Dr. Meltzer – Quando alguém diz que é totalmente franco, podemos não ouvi-lo mais. A paciente sabe que é totalmente incapaz de sinceridade e de intimidade, mas não sabe o que fazer com isso porque, de alguma maneira, sua inteligência, para eliminar da sua vida essas considerações, a fascina. Assim sendo, ela está profundamente pervertida e apaixonada pela morte e contemplando o suicídio permanentemente. O tema da sinceridade é totalmente factual e concreto para ela como o é para mim com ela (como seu analista). Quando o sonho mostra o mecanismo, aquele fio que perdeu, ela não só o perdeu, mas também nem sabia como estava conectado ao tecido. Achei importante mostrá-lo, já que foi muito revelador para mim. Mas está tudo bem à vista (*out in the open*). É tão óbvio como uma camuflagem.

Pergunta – *Eu gostaria de dizer algo sobre escrever e elaborar, do qual o senhor não está muito convencido. Disse que Pinter era uma vítima, mas que suas personagens são como um exorcismo.*

Dr. Meltzer – Penso que esse é um ponto interessante. Ele, contudo, continua a escrever, assim presumo que não se dá conta, completamente, que sua musa o abandonou (risos). Vivian Merchant pode ter sido uma esposa ruim, mas é uma excelente atriz. Não é esse o assunto, porém.





Donald Meltzer

Pergunta – *Poderia dizer algo relacionado à linguagem, ao jargão e aos códigos? Chega-se a um ponto em que parece que criamos um falso sentimento de intimidade com eles.*

Dr. Meltzer – Creio que o mundo contratual é um mundo com signos convencionais que têm sido aceitos. Para que não pareçam tão desbotados, tão secos, é necessário sempre pedir emprestados símbolos e usá-los como signos. E isso faz que, quando você exhibe suas bandeiras, tudo pareça mais colorido, mas ainda assim são símbolos emprestados ou recebidos, não são formação simbólica. Acho que cada escritor tem sua própria fórmula para evadir-se da audiência persecutória. Espalhar palavras, levantando secretamente do piso aquelas que queremos usar, é um sistema que me parece cansativo. Mas trabalhar duas mil horas ao ano no consultório, que nos remuneram, parece bastante inteligente (risos), especialmente quando se usa a imaginação de outro.

Dr. Hahn – Quero agradecer ao Dr. Meltzer por esta discussão tão estimulante e ao público pela receptividade e afeto. Muito obrigado por criar uma manhã tão interessante (aplausos). □

Abstract

The role of writing in the development of psychoanalysis

The author discusses and transcribes a lecture delivered by Dr. Meltzer in 1994, at the Tavistock Clinic in London. This lecture, almost an informal conversation, took place on the occasion of the presentation of the book “Sincerity and other papers: Collected papers of Donald Meltzer”, which had been edited by the author after many meetings and discussions with Dr. Meltzer. In the text Dr. Hahn briefly speaks about the process that culminated in the publication of the book, followed by Dr. Meltzer who answers several questions about the process of writing and how it relates to psychoanalysis, as well as the role of writing and literature in his own life. He presents his clinical experience, examples and discusses several topics interspersed with personal revelations which makes it possible to have a closer view of him, going beyond the renown analyst, professor and author he was.

Keywords: psychoanalysis, writing, literature, sincerity, dreams, fashion, critique.





Resumen

El rol de la escritura en el desarrollo del psicoanálisis

El autor hace consideraciones y transcribe una conferencia dictada por el Dr. Meltzer en 1994, en la Clínica Tavistock en Londres. Esa conferencia, casi una charla informal, se llevó a cabo por ocasión de la presentación del libro “Sincerity and other papers: Collected papers of Donald Meltzer” que había sido editado por el autor después de innumerables reuniones y discusiones con el Dr. Meltzer. En el texto, el Dr. Hann discurre brevemente sobre el proceso que culminó con la publicación del libro, seguido por el Dr. Meltzer que responde a varias preguntas acerca del proceso de la escritura y su relación con el psicoanálisis, así como el papel de la escritura y de la literatura en su propia vida. Él trae su experiencia clínica, la ejemplifica y aborda diferentes tópicos mezclados con revelaciones personales, lo que posibilita una visión más cercana de su persona, que va más allá del renombrado analista, profesor y escritor que fue.

Palabras llave: psicoanálisis, escritura, literatura, sinceridad, sueños, moda, crítica.

Recebido em 15/09/2004

Aceito em 24/11/2004

Tradução de **Marcela Miranda**

Revisão técnica de **Clarice Kowacs** e **César Luís de Souza Brito**

© Revista de Psicanálise – SPPA

